

# A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

LISBOA

87, Rua do Norte, 103

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Salvador Giner — Os tangedores da Capella Real — Theatro de S. Carlos — Carta aberta ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Esteves Lisboa — Carlos Botelho — Sociedade Artistica de Concertos de Canto — Concertos — Notas vagas — D. Mecia (argumento) — Noticiario — Bibliographia — Expediente.

## D. SALVADOR GINER

Poucas vezes ouvimos falar nos musicos do visinho reino, habituados como estamos aos nomes francezes, allemães e italianos ou a algum scandinavo que nos chega por via Paris.

Entretanto é certo que tambem na Peninsula os ha de notavel valor. Por estarem perto de nós é que talvez fechamos os olhos para os não vermos.

Este por exemplo: D. Salvador Giner.

E' um dos mais respeitados musicos valencianos; respeitado pelo merecimento, pelo caracter e pela idade, é uma das glorias da musica hespanhola e orgulho dos regionalistas valencianos.

Ultimamente, em abril e maio proximos passados, realisou-se no theatro Valencia uma serie de espectaculos consagrada ás obras de Giner, que tiveram extraordinario exito.

Nasceu D. Salvador Giner na referida cidade a 19 de janeiro de 1832, sendo filho de um violinista distincto, que foi o seu primeiro mestre. Estudou órgão, harmonia e contraponto com o organista da cathedral,

D. Pascual Perez Gascon, adquirindo tambem a pratica de varios outros instrumentos, como flauta, clarinette, etc.

Cedo começou a carreira de compositor, pois apresentou aos dezoito annos uma missa a quatro vozes e orchestra, seguindo-se lhe varias symphonias, um *miserere*, tres quartettos para instrumentos de cordas, outras missas, uma cantata — *Feria de Valencia* — uma oratoria — *Judith*, etc.

Animado pelos seus compatriotas, resolveu tentar fortuna n'um centro mais populoso e partiu para Madrid. Ali apresentou duas zarzuelas que tiveram pouco exito, escrevendo outra que se estava ensaiando no theatro Romea quando este foi destruido por um incendio.

Pouco feliz no theatro, obteve boa desforra na sociedade de concertos dirigida por Breton, que executou com magnifico exito uma *Elegia a Rossini*, um *Minuetto* e um coro sem acompanhamento. Depois foi incumbido de escrever uma missa de *requiem* e responsos para as exequias da rainha primeira esposa de Affonso XII, composição para vozes sem acompanhamento que fol julgada magistral. Escreveu tambem uma grande marcha religiosa para celebrar a elevação de Leão XIII ao solio pontificio.

Voltando á sua cidade natal, occupou suc-



C. Franco - Aluácco - 15

cessivamente os logares de primeiro violino e director do theatro Principal.

Organisou-se por esse tempo em Valencia uma sociedade de concertos dirigida pelo maestro Walls, e o nosso biographado escreveu para ella diversas obras symphonicas de bastante valor. Em 1882 apresentou um *Hymno a Valencia* e em 1883 outro *Al Trabajo*, composições que despertaram enorme enthusiasmo entre os Valencianos.

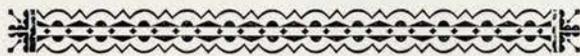
No mesmo anno de 1883, em 2 de maio, cantou-se no theatro Principal o seu drama lyrico — *El Rayo de Sol* — facto que ficou memoravel em Valencia. Depois d'isso fez representar mais as seguintes peças, na maior parte sobre assumptos nacionaes: *El Soñador*, *El Fantasma*, *Mosel*, *Sagunto*, *Los mendigos*, *Foch en l'era* e outras.

Finalmente, quando o director do censeratorio de Valencia, o eminente organista D. José Ubeda, renunciou o seu cargo, foi nomeado para o substituir D. Salvador Giner, que superiormente se desempenhou das suas obrigações até ha pouco tempo, demittindo-se sambem ultimamente por se achar em idade muito avançada.

Numerosos discipulos de Giner que po-voam as orchestras dos theatros testemunham ser elle um excellente mestre de violino.

E. VIEIRA.

*Rectificação.* — Na biographia de Franchetti, publicada no nosso ultimo numero, dissemos que *Asrael* não tinha chegado a cantar-se no nosso theatro de S. Carlos; cantou se effectivamente, no fim da época 1896-97, dando apenas quatro recitas com tão mediocre desempenho e fria acceitação que de todo se nos tinha obliterado da memoria.



## Os tangedores da capella real

(Continuação)

No artigo que sob esta epigraphe publicamos no numero anterior, ommittiu-se por lapso o nome do auctor o Sr. Dr. Sousa Viterbo, a quem muito gostosamente agradecemos a estimavel collaboração, pedindo-lhe desculpa d'aquella falta.

Segue a lista tão pacientemente elaborada por aquelle distinctissimo homem de letras e incansavel investigador de cousas d'arte.

### VI — LUIZ DE SANTA MARIA

Era tangedor de el-rei D. Manuel, que, sendo ainda duque, por alvará de 18 de mar-

ço de 1491, lhe fez mercê de 25 mil reaes em dinheiro e 4 moios de trigo e um vestido e um alqueire de cevada por dia. Este alvará foi confirmado por outro sendo já rei, de 10 de julho de 1513.

Em 23 de março de 1503 lhe déra D. Manuel umas casas, sitas na rua de D. Rolim, que haviam sido tomadas a um judeu chamado Cintrão, por dividas á fazenda real.

### VII — MESTRE JOÃO

Organista ou antes organeiro e afinador de orgãos d'el-rei D. João 3.º A circumstancia de ser simplesmente designado pelo seu nome de baptismo, faz-nos suspeitar que não era portuguez. Tinha 15 mil reaes de mantimento por anno com a obrigação de trazer acertados e afinados os orgãos da capella real e das capellas dos paços de Almeirim e Cintra e os dos conventos de Santa Maria da Pena e de Pera ou Penha Longa. — Carta de 3 de janeiro de 1540.

### VIII — ALEIXO DE MONPEREZ

Era capellão e tangedor da capella real no tempo de D. João 3.º. Este o apresentou na igreja de S. Fagundo, da villa de Vinhaes, arcebispado de Braga igreja que estava vaga pela renuncia de Martin Trigueiro, capellão da rainha, por permutação de uma razão e beneficio simples, que o dito Aleixo Monperez tinha na igreja das Alcaçovas do bispado d'Evora e na igreja de Santa Marina de Lisboa. — Carta de 5 de dezembro de 1542.

### IX — JOÃO BURGUMÃO

O seu appellido ora se acha escripto Burgumão, ora Burmão. Era tangedor de orgãos da capella real. Em 26 de junho de 1544, D. João 3.º lhe fez mercê da tença annual de 3 moios de trigo, que poderia testar em favor de sua mulher, e em 19 de janeiro de 1547 de mais 8 mil reaes. Uma carta de 9 de julho de 1555 determinava os dias de festa em que elle devia tocar na capella.

Falleceu a 3 de novembro de 1571, ficando, a partir d'este dia, sua viuva Martha de Faria a receber os 3 moios de trigo acima declarados. Estava sepultado na igreja de S. Francisco de Santarem com este epitaphio:

*Esta sepultura he de Joannes de Burgumão, cavalleiro do habito de Santiago e tangedor delrei nosso senhor e de sua mulher Maria de Faria.*

Assim vem em Piedade, *Santarem edifi-*

*cada*, tomo 2.º, pag. 210, transformado o nome de Martha em Maria, erro facilimo, que tanto se poderia attribuir ao esculptor que o gravou ou ao typographo ter trocado o *t* por um *i*, ou ainda á leitura menos exacta estando o *t* talvez um tanto gasto e parecendo um *i*.

### X — AFFONSO DA SILVA

Tangedor da capella real no reinado de D. Sebastião. Em carta de 24 de janeiro de 1565 lhe fez el-rei mercê de dois moios de trigo por anno. Esta tença lhe foi accrescentada em mais 6 mil réaes ou um moio de trigo, em 13 de janeiro de 1571. Em carta de 8 de maio de 1576 lhe foi concedida a tença de dez mil réaes.

### XI — ANTONIO DO VALLE

Tangedor da capella e camara d'el-rei D. Sebastião, que lhe fez as seguintes mercês:

Em 30 de janeiro de 1560 oito mil réaes pelo tempo de 2 annos. Em 11 de junho de 1566 2 moios de trigo de tença annual. Em 12 de maio de 1568 doação de umas casas que trazia de aforamento ás Fangas da Farinha, em mais uma vida, a sua filha Helena Cardoza, para ajuda do seu casamento.

Em 1569 era já fallecido, pois n'esse anno concedia el-rei a sua viuva, Anna Mendes, dois moios de trigo.

### XII — DIOGO LUIZ

Era tangedor dos órgãos da capella real. D. Sebastião lhe deu de tença, em sua vida e em cada um anno, dois moios de trigo, em carta de 17 de setembro de 1565.

Em 28 de julho de 1575 lhe foi accrescentado outro moio.

D. Henrique o nomeou. em carta de 4 de junho de 1579, recebedor das terças do reino na corte. N'esta carta é tambem designado moço da camara. Foi authorisado a renunciar este emprego na pessoa que casasse com uma de suas filhas.

Tendo Antonio Camello casado com Izabel Reinell, filha mais velha de Diogo Luiz, foi-lhe dado aquelle lugar em 1600.

Em 31 de julho de 1592 lhe foi concedido poder testar 2 moios de trigo, dos 3 que tinha, a sua mesma filha. Em 1604 era feito padrão d'estes dois moios de trigo a Izabel Reinell, por onde se prova que Diogo Luiz teria morrido pouco tempo antes, talvez em 1603. Em 1584 tivera Diogo Luiz 8 mil réaes para sustento de uma cavalgadura.

Izabel Reinell parece que teve tenção de entrar na religião e por isso lhe foi dada provisão para poder renunciar o cargo de thesoureiro das terças em Manuel Teixeira,

cavalleiro da casa real e servidor da toalha, e como se não realisasse aquelle intento foi feita mercê ao dito Manuel Teixeira da serventia do cargo por 3 annos, não prejudicando o proprietario, quando lhe coubesse. Alvará de 18 de fevereiro de 1598.

Izabel Reinell pertenceria por ventura, por parte de sua mãe, á familia dos cosmographos Reineis, de quem tratei nos meus *Trabalhos Nauticos*?

### XIII — FERNANDO DE CABEZON

Quando Filipe 2.º, guiado pela espada vencedora do duque d'Alba, entrou em Lisboa, diz elle que não encontrou na capella real quem lhe soubesse tanger bem os órgãos e por isso mandou vir a Cabezon.

Escreve elle, em 10 de julho de 1581, a suas filhas:

«Y no sé si havéis savido que, per no haver aqui quien tañese bien los órganos en la capilla, hize venir aqui á Cabezon.»

Gachard, que publicou a collecção d'essas cartas, (Paris, 1884) annota que este organista talvez fosse um Fernando de Cabezon, musico do rei, ácerca do qual, nos archivos reaes de Madrid havia muitos documentos, a partir de junho de 1566.

Veja-se a obra citada pag. 101, 105.

Entre os auctores mencionados no *Index* da livraria de musica de D. João IV ha um Antonio de Cabezon.

Sendo ainda vivo Diogo Luiz, não sei como explicar cathegoricamente a phrase de D. Filipe a não ser que o nosso tangedor o não satisfizesse plenamente ou não estivesse por qualquer motivo, no exercicio das suas funcções.

(Continúa.)

SOUSA VITERBO.



### THEATRO DE S. CARLOS

Está decretado que a exploração do nosso theatro lyrico seja por mais tres annos concedida ao actual empresario. Termina portanto essa concessão com a estação lyrica de 1904 a 1905. se... a generosidade de quem tudo pode e manda, como nos tempos de feudalismo, não conceder nova prorrogação.

Diz o novo contracto que haverá, a começar na proxima época lyrica, 72 professores na orchestra, 72 coristas d'ambos os sexos, 24 bailarinas, luz electrica melhorada, no que a empreza dispenderá cinco contos de réis, cedencia ao Estado do material das operas novas, e tudo o mais que o papel do

contracto assignado pôde conter e que não tem importancia real.

Vejamos agora se em tudo isto ha ao menos vestigios de seriedade.

Não queremos discutir o favoritismo de uma tal concessão; ha muito que sabemos que o ministro do reino tinha recebido de quem entende poder dal-as, indicações terminantes a tal respeito. Tambem não entramos na apreciação da confiança que se devia depositar nos individuos que pretendiam ser empresarios. Apenas perguntamos: que credito nos podem merecer as affirmações do sr. José Pacini e um contracto assignado por elle?

A esta nossa pergunta respondem os factos que se teem dado durante os quatro annos decorridos da sua gerencia.

Temos á vista os elencos desde o anno de 1897 a 98. Em todos elles se lê: «60 professores d'orchestra, 60 coristas, 20 bailarinas. Quando é que vimos 60 professores na orchestra? Nem durante as primeiras recitas isso succede, porque, por mais que tenhamos investigado, nunca podemos contar além de 53 ou 54. E isto, como dizemos, durante as primeiras recitas, porque é da praxe adoeecerem um ou dois primeiros violinos, outros tantos violoncellos e ficam licenciados durante o resto da temporada lyrica.

60 coristas? Quando os houve? Sim, contando com os comparsas, que fingem cantar, talvez cheguemos áquella conta. E os coristas que cantam são de um primor de afinação, que...

Emquanto a bailarinas só no bailado das horas da Gioconda, nos foi dado contar 16, e com a primeira bailarina, 17.

E todavia o sr. José Pacini compromettia-se annualmente com os assignantes a apresentar-lhes o numero de professores, coristas e bailarinas acima indicados,

Quem ha de obrigar o a cumprir o contracto que acaba de firmar? Os assignantes modernos? Não, que todos precisam de que o empresario generosamente lhes conceda a cadeira d'assignatura. Os assignantes antigos, da epocha de 1896 a 97? Tambem não, porque até a esses o sr. Pacini, com a maior semcerimonia, nega as suas cadeiras, se se atreverem a patear ou a dizer mal dos seus queridos artistas, como na epocha lyrica passada succedeu a um amigo nosso que, depois de ter reclamado no governo civil e perdido tempo a correr para o ministerio do reino, acabou, esgotada a paciencia, por se entender pessoalmente com o sr. José Pacini, a quem fez sentir o peso dos seus argumentos, conseguindo então o que desejava.

O fiscal do governo junto do theatro de S. Carlos terá força para exigir o cumprimento do contracto? Tambem não, porque nem o governador civil actual teve força para fazer com que o sr. Pacini cumprisse o regulamento dos theatros.

Consideramos portanto letra morta todas essas fantasticas vantagens, se realmente o eram para a arte, que serviram apenas de pretexto á nova concessão. E os pretendentes á exploração do theatro de S. Carlos não apresentariam essas e melhores condições? Não se comprometteriam a pôr annualmente em scena uma opera portugueza de reconhecido merito, que podia ser aquilatado por uma commissão de professores? Que tem feito o sr. Pacini dos artistas e das obras de maestros portuguezes? Dos artistas, todos sabem como teem sido sacrificados e arredados para o segundo plano. Dos compositores, ou lhes fecha propositadamente as portas de S. Carlos, ou, se se vê forçado a abril-as, tudo são difficuldades e empecilhos para fazer cantar a opera, que, por ultimo, no fim da época lyrica, n'um desfazer de feira e com insufficientes ensaios, consegue apparecer em scena tres ou quatro vezes. E nada mais; e nunca mais se torna a ouvir.

Vergonha do nosso theatro lyrico: o seu empresario vangloria-se de já ter dado cabo de tres glorias portuguezas: Francisco d'Andrade, Augusto Machado e Keil. E para a *D. Mecia*, de Oscar da Silva, poder ser cantada foi preciso que Antonio Santos, o digno empresario do Coliseu dos Recreios, sem protecções das taes que veem muito de cima, se decidisse a pol-a em scena. E isto apesar do sr. José Pacini dever saber que a partitura da *D. Mecia* mereceu já a approvação e o elogio de mestres estrangeiros. E, no emtanto, não põe duvidas em apresentar em S. Carlos operas que lá fóra teem cahido, como a *Iris*, e por um triz não apanhamos tambem a *Zaza*.

Emquanto á cessão de scenario novo de papel pintado, os empregados superiores da alfandega que vão ao paço contar a historia dos scenarios do *Samsão e Dalila* e do *André Chénier*. Será uma narrativa edificante.

Que bello negocio o Estado fez obtendo um reddito de tres contos de réis annuaes, á custa de mais uma arbitrariedade e do despreso a que mostra ter votado os artistas portuguezes! Enfeudar o theatro de S. Carlos a um empresario que tem primado em nos fazer ouvir tudo o que ha de peor na sublime arte de canto!

É melhor não continuarmos. Iriamos muito longe se tentassemos apreciar com alguma verdade os meritos d'esses artistas de canto, que durante quatro annos o

sr. José Pacini para ahí nos tem trazido e que, com excepção de tres ou quatro, são puras inutilidades artisticas, ora em aprendizagem, ora cançados e gastos, apenas aproveitaveis pelos seus meritos dramaticos.

Porque é que os srs. ministro do reino e director geral d'instrucção publica, para confeccionarem as condições d'esse novo contracto, d'accôrdo com os interesses do sr. José Pacini, não ouviram ao menos a opinião d'alguem que os illucidasse a respeito do estado decadente a que chegou o nosso theatro lyrico?



### Carta aberta ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Esteves Lisboa

*Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Esteves Lisboa.*

Nos numeros 50, 51, 52, 54 e 56 de «A Arte Musical» li o seu trabalho sob o titulo «Cantores Antigos e Modernos» e confesso-lhe que o segui até á ultima linha com um sentimento estranho cuja expressão, innarravel por mim, debalde tentei definir á minha intelligencia e á minha curiosidade sempre viva de penetrar agudamente na combinação de causas que geram no coração humano uma sensação que mais tarde se torna em distincta voz interior da linguagem d'alma.

Esse sentimento extranho é na sua parte principal, composto de espanto, admiração e prazer. Estes vejo-os perfeitamente e reconheço-lhes a origem.

Nunca suppuz existir alguem que em nossas duas Patrias se occupasse em estudar as difficuldades na Arte de Canto; em investigar o passado para arrancar ás suas brumas aquelles methodos de canto que dizem ter sido correctissimos, e a sapiencia que se julga possuiram os mestres de então!

Nunca pensei que houvesse homem luso ou brasileiro, por tal maneira amante da sciencia que determina o caracter do bello nas producções artisticas, que se revoltasse contra tudo que infringe a belleza da pura manifestação da musica, exteriorizada pela voz humana!

Sempre acreditei que ao homem luso-brasileiro na sua azafama sem tregua, na sua lucubração constante para dar a ultima demão nas grandes descobertas scientificas pelas quaes somos appellidados os bemfeitores da Humanidade, immerso em fundas cogitações bancarias, para accrescentar ao actual valor financeiro de nossas duas terras ainda maior credito do que disfructamos

hoje universalmente, não lhe sobrasse tempo para meditar em problemas d'arte, cuja solução trará, a favor d'uma das mais aventadas creações do espirito, a disciplina da esthetica, o desenvolvimento artistico, a purificação do modo de sentir a musica. e a educação da alma e dos sentidos do cantor e do publico.

Segundo, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. o seu estudo critico, todo eu era admiração, vendo um medico portuguez, um filho da Sciencia, clinico bem conhecido em Lisboa, fazer suas estas altruistas palavras:

«Those who are blest with voice and talent must realise the fact that they are high priests and priestesses of their art; that to them is assigned the mission of helping to form a school, and that their exemple for good or will, does more than a hundred books.»

Vibrei com o contentamento que de meu ideal se apoderou. E uma esperança em luz mais clara que um dia illumine nossas infelizes Patrias, bruxoleou no recanto interno onde mora o meu patriotismo.

Por um engenheiro meu velho amigo, já fui acoimado de «pouco pratico», por ter eu gasto alguns annos da minha vida mortal no estudo do ensino vocal; na procura das verdades dos phenomenos phoneticos, dos phisicos, dos acusticos e dos physiologicos que constituem o todo da voz humana, considerada pelo seu lado material.

— Antes, disse-me elle, fôras para uma Academia de Commercio, hoje serias optimo guarda-livros ou terias outra qualquer solida posição commercial. Olha para os norte-americanos, e reflecte a pratica d'elles, se queres ser gente...

Por isso, o exemplo de V. Ex.<sup>a</sup> que por dedicar-se a esses estudos não teme perder a fé que infunde no animo de seus enfermos, nem tem medo de collocar-se firme na fila onde são vistos Helmoltz, Fournié, Mandl, Sir M. Mackenzie, Labus, Massei e outras mediocridades semelhantes, encheu-me de contentamento, porque, afinal, se me depa-rou na minha raça um outro estulto privado de *pratica norte-americana*.

\*

No principio d'esta, referindo-me a methodos antigos de canto e ao saber dos mestres d'aquellas epochas memoraveis, falei por uma fórma, da qual se poderia inferir que de algum modo ponho em duvida as excellentes qualidades caracteristicas da habilitade no ensino do canto vocal, que tanto distinguem os velhos mestres italianos e francezes d'aquelles remotos tempos.

Sem demora affirmo que bem outra é a

minha opinião sobre elles. N'estes velhos mestres busquei e bebi conselhos proveitosos, e com elles ainda hoje vivo amiude.

Rendo lhes as maiores homenagens, e admiro-os como se admira e se é agradecido a quem nos illustra e auxilia mesmo do longe de tantos seculos. Acredito em todo o valor de sua sabedoria e affirmo-a persuadido.

Mas conheço e meço bem até onde vai essa minha admiração, e sinto bastante não me ter sido dada a ventura de colher das minhas pesquisas lições taes que me permittissem asseverar, com verdade e sem protesto da consciencia, qual era realmente o complexo da mecanica voçal transmittida aos alumnos pelos professores de canto em 1600 e 1700,—Pier Francesco Tosi, Niccola Porpora, Giambattista Mancini e alguns outros.

Sabe-se, não ha duvida, com não insignificante trabalho deductivo, para os que não aceitam por indefectivel tudo quanto se escreve ácerca de obscuros assumptos do preterito, alguns pontos essenciaes usados no ensino do canto vocal por mestres d'essa era; e podem ser ensinados e d'elles obter-se actualmente e sempre os mesmos effeitos, porventura ainda mais delicados e pomposos do que os dos cantores de então, se compararmos a fôrma e o estylo musical antigos com as nossas composições contemporaneas.

Para essa comparação, reparemos na M.<sup>me</sup> Patti, na sr.<sup>a</sup> Regina Pacini, na sr.<sup>a</sup> Galvany e em outras cantoras, comquanto o numero seja pequenino.

Entre os Tenores da actualidade, optimos cantores de merecimento real, dignos representantes da escola antiga applicada á musica do presente, por vezes impropria ao orgão da palavra, enxergam-se ainda Masini, De-Luccia, e mais um ou outro.

No grupo de Baritonos, veja-se em primeiro lugar (dos que conheço) Victor Maurel, e depois Battistini, Cottogni e tambem bem poucos mais.

No dos Baixos profundos, ou cantantes, apenas conheço o sr. Marcassa.

Apresso-me, porém, a declarar, com má-gua, que exceptuando o tenor Masini, nenhum dos cantores citados por mim e quantos tenho ouvido, possui a surprehendente maestria de respiração, empregada no canto pelos antigos interpretes lyricos, se é que todos elles a possuíam.

Lembro ainda com saudade pungente, porque me concentrava em purissimo goso, das largas phrases musicaes angelicamente ditas por Gayarre e por R. Stagno.

N'estes dois impagaveis tenores, presenciei o methodo respiratorio dos antigos vo-

calistas. Mas não pude estudar n'estes dois a mecanica respiratoria da qual tão maravilhosamente se serviam.

Apenas travei amizade com um tenor italiano que me disse ser alumno de Stagno, e por elle soube que este celebre artista tenor dramatico e lyrico (cantava o genero que queria; como Gayarre, e como ainda hoje Masini) respirava, nas execuções, com o typo lateral, e costal-superior.

Já o mesmo não succede com Masini, cujo typo respiratorio é, se não erro, o mesmo do de Stagno, combinado com a respiração diaphragmatica local.

Não obstante saber-se que os antigos ligavam á respiração toda a importancia e que até mesmo chamavam ao canto a Arte de Respirar, estou, todavia, impedido, por falta de elemento serio e comprobativo, de affirmar peremptoriamente qual era a maneira de respirar ensinada e usada por elles.

Atravessando os systemas de cantar de então, através de cantores de hoje que foram discipulos de mestres que, por sua vez, estudaram com antigos artistas lyricos, encontrei com grande desgosto para uma certa opinião que se me tinha imposto com as procuras que effectuei, a mesma diversidade de methodo que se nota nos nossos dias; quer no modo de empostação de voz, quer do emprego, como repercussivas, das partes superiores do corpo humano que são perfectas caixas harmonicas do som; já da maneira de crear voluntariosamente a agilidade vocal, já do uso especial de typos respiratorios.

No tocante á respiração dos cantores antigos, fiz d'ella, para mim, um conceito que aqui exponho a V. Ex.<sup>a</sup>.

Estou persuadido pelas lições que eu mesmo procurei, de que os bons lyricos usavam quando cantavam um unico meio de respirar: inspiravam profundamente, mantendo bem dilatados, com gentil mas attenta energia, os musculos extensores e abaixantes do peito, diaphragma e abdomen.

Creio que é isto mesmo, aquillo que o barytono Faure desejou ensinar, porque sei, por um alumno de um seu discipulo, que este celebre barytono francez adopta a respiração profunda no genero dos velhos cantores, porque elle está convicto de que no canto se deve respirar tão naturalmente como quando o orador peróra.

Mr. George Bonheur, do Conservatorio de Liege e Gand, e o dr. Cheval, do Hospital Saint-Pierre, em Bruxellas, trataram cuidadosamente d'este assumpto. Este medico é um fogoso contradictor auctorizado das doutrinas expostas pelo dr Mandl, que foi apaixonado propagandista do systema de

respirar abdominal. E aquelle professor de Liege e Gand, tenta convencer de que os velhos cantores trabalhavam com o typo respiratorio costal-superior, unicamente. E que em virtude d'esta respiração costal-superior, a pressão da columna de ar expellida dos pulmões se acha no instante da phonação em prompto contacto com os labios da glotte. a séde unica das vibrações de que se compõe o som.

(Continua).

JOSÉ MIRANDA DE LIMA BRAGA.

## GALERIA DOS NOSSOS

Carlos Botelho



Um pianista ainda. Por grande que vos pareça o numero, ainda estou bem longe de completar a estatística dos que por cá temos. Dos bons, bem entendido, que os ruins são enxame zumbidor que a gente enxota a cada passo sem lograr affastal-os.

Carlos Botelho não é só um bom pianista. é um professor ha longos

annos trenado na sua ardua profissão, punctualissimo e zeloso, serio como poucos e, par dessus le marché, profundo sabedor de todos os segredos da pedagogia pianistica.

E com todos estes predicados que a qualquer outro bastariam para... chegar e vencer, Carlos Botelho ha-de ser sempre um... vencido.

Vencido pelo seu incorrigivel retrahimento, vencido por uma modestia exagerada, que é, no mundo dos artistas, a condição mais segura para não passar de uma honesta mediania.

E, na terra em que cada um fabrica para seu uso a canora tuba em que o proprio valor ha-de ser cantado, mal avisado andarà quem não soprar...

SCFAUNARD.



## Sociedade Artistica de Concertos de Canto

Recomeçou os seus trabalhos esta benemerita Sociedade, que dirigida na parte te-

chnica por Alberto Sarti tão relevantes serviços tem já prestado á boa arte.

Sua Magestade a Rainha D. Amelia, accedendo do melhor grado á solicitação da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Domingas da Camara, accitou o logar de Presidente honoraria da mesma sociedade, e por occasião de falar sobre o assumpto fez-lhe as mais lisonjeiras referencias.

Em concorridissima reunião de 5 do corrente, ficou constituida a commissão que deve dirigir os actuaes trabalhos e se compõe das ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup>:

Condessa de Proença a Velha, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, Viscondessa de Almeida Araujo, D. Maria Domingas Camara Paraty (Belmonte), D. Palmyra de Oliveira Feijão, D. Amalia Machado de Castello Branco e Carvalho (Pombal), D. Margarida Busquet de Vargas, D. Magdalena S. Cisneiros Ferreira.

Começaram os estudos da *Terre promise* de Massenet.

Realisar-se-hão duas audições consecutivas para cada programma, afim de aproveitar melhor os trabalhos, proporcionando o ensejo de serem apreciados por maior numero de pessoas.

## CONCERTOS

Depois de ter passado quasi todo o inverno em lucta com toda a especie de embaraços, poudé finalmente a Real Academia effectuar no salão do Conservatorio as suas ultimas audições da presente época.

Realisaram-se ellas, em numero de quatro, apenas no espaço de quatorze dias e foram as seguintes: Sarau de alumnos dos cursos superiores, em 29 de maio; 95.<sup>o</sup> concerto em 31; exercicios de alumnos dos cursos geraes, em 8 e 11 de junho.

Comecemos pelo concerto, para começarmos com satisfação e boa vontade.

A orchestra executou a abertura da *Princesse Jaume* de Saint-Saens e as *Scènes pittoresques* de Massenet com um esmero de colorido que sem restricção se póde dizer optimo, justificando plenamente o tempo consummido no seu estudo; não ha motivo pois para dar por perdido esse tempo, antes pelo contrario, ficou assim provado ser elle indispensavel, porque a competencia tão reconhecida de Goiñi não pode ser tal que faça milagres. Fossem os trabalhos mais amiudados e concorridos, já as audições poderiam ser menos espaçadas e todas optimas como esta.

Entremeiando os dois trechos capitaes, tivemos na orchestra o minuete do «Orpheu» de Gluck, ornado com floreados na flauta que o auctor não escreveu mas que o nosso bom amigo Ferreira Cardoso executou brilhantemente. Não inferior lhe ficou José da Costa Carneiro, no preludio do *Déluge* de Saint-Saens.

Dois solistas n'este concerto, segundo a praxe: o velho alumno da aula de violino, o sr. José Vicente Pereira—que já por varias vezes tem vindo á arena—desempenhando o, excessivamente difficil para elle, «Concerto militar» de Bazzini; D. Beatriz Rocha, que executou energicamente o «Capricho sobre os bailados da Alceste» por Saint-Saens e uma «Ballada» de Chopin.

E passemos depressa ao sarau dos cursos superiores, que foi sem duvida a mais séria e artistica manifestação que a Academia tem dado nos ultimos tempos.

O celebre concerto de Bach para tres pianos teve uma interpretação de tal modo correcta, estudada tão minuciosamente e com tão grande respeito, que melhor não se poderia desejar na melhor escola. Estamos intimamente convencidos que em nenhum estabelecimento de ensino musical aquella grandiosa composição se apresentará ou se terá apresentado em exercicio de alumnos interpretada mais intelligentemente.

Isto não é banal elogio, mas simplesmente traducção sincera da impressão recebida.

Tambem o bello trio em dó menor de Beethoven teve uma execução correctissima e notavel para alumnos.

Foram tres as discipulas de Hernani Braga que se apresentaram n'esta memoravel audição, todas as tres que executaram o concerto de Bach: D. Bertha Campos, D. Esther Campos e D. Mary Oliver. A primazia cabe incontestavelmente a D. Esther Campos, que tambem tomou parte no trio de Beethoven, executando mais, com bella expressão, o «Estudo em dó sustenido menor» (n.º 7 do 2.º livro) de Chopin, e com admiravel nitidez o «Allegro apassionato» de Saint Saens. Sua irmã Bertha foi igualmente correctissima n'um «Estudo» de Mendelssohn e n'uma «Aria variada» de Haendel.

Os discipulos de Goñi tambem se apresentaram muito bem.

No acompanhamento do Concerto de Bach não tomaram parte só alumnos do curso superior, como seria natural, mas pelo contrario, a maioria era do curso inferior; todavia o seu desempenho, ensaiado e dirigido pelo illustre mestre, não prejudicou, antes secundou discretamente as solistas.

Apresentaram-se a solo os violinistas:

Augusto Gomes, o professor-alumno que tanto honra a Academia, e Carlos Estevão de Sá, um principiante na classe superior, que sempre se tem mostrado alumno applicado e cheio de boa vontade. O primeiro executou uma melodia de Tschaikowsky, e o segundo uma romança de Beethoven.

Como se vê, boa musica em todo o programma, como o caso exigia.

Não tomou parte n'este sarau, nem ainda foi apresentado em concerto algum da Academia um dos seus alumnos mais distinctos e um dos mais estimados discipulos de Victor Hussla: Raul Soares da Silva Pereira; ficou reservado para os exercicios do curso geral, quando aliás elle pertence ha muito ao curso superior.

Consideremol-o portanto na categoria que lhe compete, e mencionemos que elle executou no sarau de 8 a *Melancolia* de Prume, composição banal, mas bastante difficil, exigindo uma technica já muito desenvolvida.

Desempenhou-a com a mais completa perfeição, surpreendendo quem não esperava tanto.

Nos dois saraus de alumnos inferiores ha que notar os violinistas. Especialmente D. Luiza Coelho de Campos e D. Eugenia Crespo, são duas vocações excepcionaes que progridem com grande rapidez. D. Margarida Cazaes de la Rosa, estimulada com o exemplo, procura imital-as no progredir.

Isto pelo que respeita ás *niñas*; dos *niños* merece especial menção Antonio Joyce, sem duvida o melhor de todos os do seu sexo e idade, distincto e apumado como um verdadeiro artista.

Notaremos ainda dois trechos de Monasterio executados por dois grupos de alumnos, excellente exercicio preparatorio para o trabalho da orchestra.

Quanto aos alumnos do curso geral de piano, bastantes vocações n'elle se manifestaram mais uma vez. Mas a falta de criterio que presidiu á escolha do programma tirou-nos toda a vontade de os apreciarmos, como alguns, no emtanto, mereciam. Marchas e valsas nunca foi musica para alumnos se exercitarem n'uma escola séria.

Seria injustiça não mencionar a alumna de violoncello, D. Eleuteria Cazaes de la Rosa, discipula de Cunha e Silva, que executou muito discretamente um andante de Holmann.

E assim terminaremos esta noticia sob uma boa impressão, como a principiámos.

\*

Na noite de 1 effectuaram os srs. Neuparth & Carneiro o seu segundo concerto, a que

sentimos não ter podido assistir e que consistiu principalmente, segundo ouvimos, em trechos de bandolim e viola franceza pelos srs. Camara e Fernandes.

Agradecemos a amabilidade do convite.

\*

A 2 realizou a illustre professora D. Palmyra Mendes uma nova audição das suas alumnas, duplamente notoria pela optima escolha das obras executadas e pelos progressos constantes que se notam de dia para dia n'aquelle selectissimo nucleo de discipulas.

Algumas d'entre ellas, como as srs.<sup>as</sup> D. Belmira de Sottomayor e D. Lucilla Moreira, para não fallarmos senão das que temos o prazer de conhecer pessoalmente, são mais alguma cousa do que boas discipulas; são intelligentissimas cultoras da musica, que conhecem admiravelmente o terreno que pisam.

E, entre outras, as meninas Alice Monteiro, Maria Serra, Alice de Carvalho e Julia de Almeida, a sympathica filha do nosso querido amigo José Castanheira d'Almeida, são douradas esperanças, d'essas que o futuro nunca desmente e que com uma orientação tão sabiamente preparada, teem largos motivos para se salientarem, dentro em pouco tempo, entre os melhores nomes da nossa bella e suggestiva Arte.

\*

Na mesma noite, deu uma outra professora, deveras recommendavel, a sr.<sup>a</sup> D. Candida Cilia de Lemos, um concerto de piano e órgão, que mereceu unanimes e espontaneos applausos de todos os que tiveram a fortuna de assistir a elle.

Entre outras obras de levantado valôr executou a sr.<sup>a</sup> D. Candida no piano um *Estudo* de Dohler, um *Nocturno* de Liszt, o *Presto agitato* de Mendelssohn e no órgão uma *Fuga* de Bach e uma *Meditação* de LeFebure-Wely.

Em trechos de ensemble, foi a distincta professora secundada pelas srs.<sup>as</sup> D. Emma Navarro Hogan e D. Laura Mattos, tocando tambem a primeira algumas peças a solo com superior interpretação.

\*

A 4 teve lugar no Porto o ultimo sarau de musica vocal, promovido pelo sr, Francisco Roncagli, para apresentação dos seus discipulos.

Informam-nos que foi uma interessante audição.



## NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XXVII

De Lisboa.

N'este lindo mez de junho, bordado de descantes e fogueiras, de amores e bailaricos, é porventura mais proprio falar dos encantos da natureza que das fulgurações da Arte, e os nossos olhos mais depressa mergulham na paizagem rumorejante e fresca de um recanto campesino que nos céus *feitos* e nas arvores *pintadas* de algumas télas, pendentes ao longo de frias paredes de museu...

Mas desde que é tambem este mez aquelle em que por toda a parte onde se diz que a civilização palpita, os pintores exhibem a crystallisação dos seus sonhos e as realidades da sua phantasia, que remedio temos nós, minha senhora, senão dividir irmãmente o tempo entre o arvoredado vivo que a mão de Deus creou, e o arvoredado, vivo ou não, que humanas mãos formaram?

Assim pois, aqui me tem falando-lhe tambem do nosso *salon*, que por tal signal, a despeito do que aventam praguentos, não é d'esta vez um simples mostruario de alguns metros de lona com tinta, mas uma exposiçãosinha interessante e seria, onde por vezes uma preciosa *mancha* se impõe ao respeito e á admiração de todos...

Pondo de lado os nomes já mais ou menos consagrados entre os quaes aliás devo especialisar Malhõa, que ao contrario de muitos confrades illustres, longe de estacionar ou mesmo decair, vae proseguindo cheio de fé e de vigor na sua marcha ascensional para a absoluta perfeição da technica e para a mais completa e melhor comprehensão da *idéa*, é com um sentido e real prazer que lhe aponto o nome de alguns *ultra-novos*, que n'este certamen da pintura portugueza se apresentam d'uma fórmula absolutamente notavel, e em termos de a alguém ter eu ouvido dizer que elles começavam por onde d'antes muitos nem sequer haviam acabado.

O *Christo morto* de Ayres de Gouveia tão admiravel de expressão e tão repassado de verdade, uma certa cabecinha de velha resando, de David de Mello, e certas paizagens de Alves Cardoso, de Francisco Gil, de Antonio Saude, de Falcão Trigo, denotam a existencia de uma camada cheia de talento e de vigor, e pena será que a acção

dissolvente do meio tambem sobre ella venha a fazer-se sentir, como, ai de nós, se tem feito sentir nas que a precederam.

Não especialiso os quadros em que quasi todos estes esperançosos rapazes alegremente nos mostram a exuberancia das suas almas e a luminosidade das suas paletas, mas quer que lhe diga, chego a ter medo de tão deslumbrantes promessas, porque quasi me vou capacitando que algum mau Fado nos impede de constituir e conservar corrente e tradição artistica, pois que todos esses bellos talentos que por aqui teem desabrochado a breve trecho estiolam ou degeram.

Como quer que seja, ainda uma vez, esperamos que Columbano, Malhoa, Silva Porto, Sousa Pinto, e os outros gloriosos artistas que com estes teem tentado crear a pintura portugueza moderna encontrem continuadores que os honrem, visto que não faltam crentes a alistar-se no batalhão sagrado...

Quem por exemplo pintou aquelle flagrante e poderoso quadro dos *Ferreiros*, é já alguém e não me parece que venha a *desandar*.

E assim dos outros.

Por desgraça, a nossa gente de dinheiro é que se mostra demasiado tarda em auxiliar os ingenuos cultores da arte, que nobremente pensam em viver d'ella, com o mesmo direito, crêem elles, com que outros vivem do juro das inscrições, do ordenado das secretarias, dos lucros do commercio, dos ganhos da industria, e a pretexto de que artistas são creaturas sem governo e sem juizo que não merecem ser tomados a serio, não lhes compra os quadros nem as estatuas, não lhes encommenda obras e até quasi os não consulta n'aquellas mesmas cousas que são da especial competencia d'elles...

Não succede isso por lá onde o capital em regra é mais generoso e culto, mas aqui os tres milhões e meio de analfabetos exercem sobre tudo o seu deleterio e perseverante influxo, e d'ahi a total ausencia de estímulos para tudo quanto se relacione com assumptos de ordem espirital e esthetica.

Vae-se a essa propria exposição, vê-se a sala consagrada á obra de Ferreira Chaves e pela historia que a evolução d'esse formoso espirito eloquentemente nos conta, conclue se com dor e com verdade qual tem sido no geral a propria evolução dos outros espiritos.

Estava ali um grande e consciencioso pintor, como claramente attesta a ultima e assombrosa cabeça que lá se admira, a qual embora incompleta, está quente ainda da inspiração que a fez; pois se elle quiz ven-

cer teve de tornar-se burocrata, senão talvez houvesse morrido mais cedo de miseria ou de desalento, que tambem mata...

E eis a historia de todos.

E no emtanto que prodigiosa somma de talento n'essa nossa população amiga! Em tudo e para tudo.

Lembra-se de Leandro Braga? Foi um authentico e por vezes genial artista, pois já n'essa propria exposição lá afflora um successor á altura, e quem sabe se ainda mais equilibrado e forte!

Pullulam em todos os ramos e especialidades as vocações e os temperamentos, os predestinados e os eleitos, mas vem a ignorancia, mas vem a indiferença, mas vem a estupidez que ainda é peor que a maldade, e nada avança e tudo até se desorganisa e se dessora!

Triste, triste.

Recorda-se tambem de lhe fallar na orchestra de Berlim? Pois nós que hoje não temos sequer uma philarmonica em termos, a cada passo estamos vendo surgirem, radiantes e promettedoras naturezas musicas que convenientemente agrupadas e instruidos seriam susceptiveis dos mais arrojados empreendimentos; mas egualmente ahí as mesmas causas produzem os mesmos effeitos, e fica a musica — como fica o resto

Agora mesmo acabo de ouvir uma interessante e suggestiva sessão de alumnos da academia de amadores que victoriosamente me esteve demonstrando o meu asserto; seria porém uma carta interminavel esta se lhe expozesse a serie de reflexões que me vem acudindo á mente, e depois para quê, se v. ex.<sup>a</sup> melhor do que eu as sabe e as sente?

Não, não direi mais nada e para desfazer a amargura que ameaça azedar-me o espirito, vou lêr mais um capitulo d'esse divino livro do divino Eça, *A cidade e as Serras* em cujas paginas cheias de côr e transbordantes de graça, ha philosophia que sobra para nos ensinar a supportar a vida e alegria que chegue para diluir e derreter as mais carregadas ou mais subtis tristezas...

AFFONSO VARGAS.



### DONA MECIA

Á muita amabilidade do nosso amigo Oscar da Silva devemos o prazer de apresentar aos nossos leitores o excerpto do

poema da *D. Mecia*, para o qual o distincto pianista escreveu a musica e que como já toda a gente sabe, dentro de mui poucos dias terá a sua primeira audição no Coliseu dos Recreios.

O poema de Julio Dantas, é dividido em dois actos e tem por assumpto uma novella do seculo XIII.

Os personagens principaes são: *Dona Mecia*, filha do senhor de Biscaya, soprano lyrico; *Froile*, dama da côrte, meio-soprano; *D. Alvaro Pires de Castro*, grande senhor portuguez, barytono; *Picandon*, trovador da côrte do senhor de Biscaya, tenor; *O senhor de Biscaya*, baixo.

Alem d'aquelles personagens tomam parte na *Novella lyrica*: damas da côrte, homens d'armas portuguezes e hespanhoes, cavalleiros, villãos, bucellarios, charamelleiros, etc.

O primeiro acto passa-se nos paços do senhor de Biscaya, cuja filha, a infanta, se namorou d'um rico homem portuguez muito poderoso, galante, poeta e valentissimo, chamado Alvaro Pires de Castro. A infanta cada dia o espera fazendo o sonho d'um casamento: Dona Mecia ama Alvaro Pires.

Mas ha um jogral, trovador, ou troveiro, nos paços do senhor de Biscaya, chamado Picandon que ama doidamente Dona Mecia, e a persegue. Mas a infanta, enlevada nos seus sonhos d'amôr por D. Alvaro, cuja figura um pouco grotesca (por ser bastante gôrdo) apparece aos olhos d'ella illuminada pela maior galanteria e pela maior violencia heroica só cuida no rico-homem portuguez.

Picandon, o troveiro, que põe a sua perfidia ao serviço d'um amôr ambicioso mas incontestavelmente grande não deixa de a perseguir, insinuando-lhe o seu amôr pelo portuguez. Dona Mecia ouve-o importunada e cheia de desdem. Mas Froile ouve um tropel de cavallos; é D. Alvaro que chega aos paços. Nunca mais linda cavalgada viera a Biscaya. D. Alvaro quando entra criva Picandon de epigrammas, pede-lhe o citolão e mostra-lhe como se canta ao amôr em Portugal. Quando Picandon lhe pergunta arrogantemente quem é, Alvaro Pires responde grandiosamente:

Um corpo enorme que se expande,  
para conter uma alma grande! etc.

Chega o Senhor de Byscaia, que o recebe com frieza e rigidez. D. Alvaro pede-lhe a filha. O senhor de Biscaya, que a guardava para thalamos de rei, nega-lh'a. D. Alvaro insiste, com violencia. O senhor de Biscaya arranca do bulhão (punhal) e cresce para elle. Dona Mecia desfallece.

Alvaro Pires, galantemente, desarma o se-

nhor de Byscaia e entrega a arma á filha, combinando com ella, disfarçadamente um rapto. O senhor de Biscaya cae, prostrado de dôr e de vergonha.

Alvaro Pires entre o espanto geral, sae com a sua comitiva.

2.º ACTO

### Na fronteira portugueza

Deu-se o rapto. Alvaro Pires, fugiu com Dona Mecia. Segue-o a sua comitiva, os seus homens d'armas, charamelleiros, cavalleiros, villãos, bucellarios, com as suas riquezas, pannos de sêda e ouro, alfayas e jóias, sobre asemolas, ao uso do tempo.

Amanhece. Erguem-se tendas. A comitiva acampa. D. Alvaro e Mecia, teem uma scena d'amor. Ella, cheia de enlevo diz-lhe que sempre o viu com os olhos da alma e não com os do corpo, que para ella, elle é galante e lindo como um Apollo, que a verdadeira belleza é a belleza moral.

Fazem o sonho d'um futuro lindo, um castello onde guardem seus beijos e os seus amores. Mas, em meio do idyllio um dos homens d'armas annuncia que uma hoste avança, e que os pendões teem as armas do Senhor de Biscaya. A hoste é enorme: os soldados estremecem ao ver avançar os inimigos: D. Alvaro enche-os de coragem. Chega um arauto, tanjem trombetas e atabales é o Picandon, vestido agora de ferro em vez de sêda, guerreiro em vez de poeta.

Vem intimar Alvaro Pires, em nome do senhor de Biscaya, a dar-lhe a filha, para a levar ao pae lacrimoso, que a espera Alvaro Pires nega-se; Picandon insta, não é attendido e desafia Alvaro Pires, em nome do senhor de Biscaya, a erguer as suas barreiras de terra, porque em breve se dará o ataque. Alvaro Pires em resposta, e voltando-se para os seus homens d'armas ordena-lhes que estendam em frente do campo as suas mais lindas alfayas, pannos de sêda e oiro, porque = quando um cavalleiro portuguez tem de bater-se por sua dama, se ergue barreiras, são de seda!

Picandon retira-se. A hoste avança. Dá-se a batalha.

Os portuguezes voltam victoriosos empunhando Alvaro Pires o pendão do senhor de Biscaya que entrega a Dona Mecia ajoelhando galantemente a seus pés.



### Do Paiz

Terminou na passada segunda feira a serie de brilhantes artigos que o sr. Freitas

Branco tem publicado na *Vanguarda* a proposito dos escandalos do Theatro de S. Carlos, coroados agora com a extraordinaria concessão dictatorial com que os altos poderes agraciaram o sr. José Pacini em agradecimento aos altos serviços que elle vem bizarramente prestando á Arte nacional desde que tomou a empreza.

Esta mirabolante concessão é a mais eloquente resposta aos artigos do sr. Freitas Branco — resposta que consubstancia todos os argumentos e que mais uma vez vem mostrar como as cousas d'arte são tratadas n'este abençoado paiz.

Como solução d'um protesto, tão nobremente formulado, é talvez um tudo nada grotesco, mas tem a vantagem de ser genuinamente portuguez e condizer com as outras vergonhas que o sr. Freitas Branco apontou com tão notavel desassombro nos seus anteriores artigos.

É preciso haver coherencia, que demonio!

Conclue hoje no Conservatorio o praso para a entrega dos requerimentos dos alumnos extranhos, que se propõem a exame.

No dia 26 fecham-se as aulas, começando em 1 de Julho a epoca dos exames para os alumnos do Conservatorio.

Resolveu dedicar-se ao ensino do piano e dos rudimentos de musica, a sr.<sup>a</sup> D. Adelaide de Lacerda Soromenho, filha do fallecido professor do Conservatorio Manuel Martins Soromenho.

Pelas tradições de familia, que tem sabido dignamente manter e pelo curso que com bastante brilho completou n'aquelle estabelecimento de instrucção, não hesitamos em recommendal-a ás nossas leitoras.

O consul de França, no Porto, mr. Georges Outrey, em officio dirigido ao apreciavel compositor e professor de piano Antonio Soller, notificou-lhe que fôra agraciado pelo governo francez com o officialato da Instrucção Publica, felicitando-o ao mesmo tempo pela distincção, mercedissima pelas composições musicas que tem consagrado a homens illustres da França e pela affeição que tem por aquelle paiz.

Os nossos parabens ao illustre artista, que de tudo é merecedor.

### Do estrangeiro

Representou-se pela primeira vez na «Opera Real» de Dresde uma opera de Paderewski,

intitulada *Manru*. Era ha muito tempo esperada com anciedade e foi posta em scena com grande brilho. O exito excedeu tudo quando se esperava, sendo o auctor applaudido freneticamente e chamado em todos os actos.

No Concelho Municipal de Paris foi proposto que se estabelecesse uma taxa de contribuição sobre os pianos.

Esta proposta está sendo ardentemente discutida pelos interessados.



## BIBLIOGRAPHIA

Interessantissimo o numero inaugural do 3.<sup>o</sup> anno da *Revue Eolienne* que acabamos de receber.

A par de magnificos artigos de critica e biographia musical, contem finissimos retratos de Alexandre Georges, Busser, M.<sup>me</sup> Georgette Leblanc em diversas scenas do drama musical *Charlotte Corday*, Arthur Nikisch e a sua orchestra, Fiedler, Gabriel Marie, Steinbach e outros artistas não menos celebres.

Traz tambem este numero um curioso artigo sobre a *Expressão dramatica musical*, ornado com lindas gravuras.

Dos afamados editores milaneses Carisch & Jänichen recebemos tambem as ultimas producções pianisticas de Bossi, Bottazzo e Ravanella, algumas d'ellas muito interessantes e cinco transcripções de obras de Händel, admiravelmente feitas por Martucci, illustre director da orchestra bolonhesa.

## EXPEDIENTE

Por excessiva abundancia de original, tivemos que elevar hoje a 12 o numero de paginas da nossa revista.

Por este facto, que representa uma dispendiosa excepção, será transferida para o proximo numero a distribuição do 58.<sup>o</sup> fasciculo do *Diccionario de Musicos portuguezes e brasileiros*, cuja publicação, devida ao eminente musicographo Ernesto Vieira, tem acompanhado o nosso jornal desde o seu inicio.